

geral, que faz do próprio livro uma obra de arte.

Começa por uma introdução em que o autor apresenta o conceito e o sentido da religião, o sentido dos mitos, dos lugares e rituais sagrados, a relação da religião com a sociedade. Seguem-se os verbetes sobre os mais variados aspectos das principais religiões históricas que são o objecto essencial do livro: religiões antigas (Egipto, Próximo Oriente, Grécia e Roma, Escandinavos e celtas), religiões primitivas, Hinduísmo, Jainismo e Sijismo, Judaísmo, Cristianismo, Islamismo e novas religiões. Importante sobretudo para interpretar e entender as referências religiosas da arte, da literatura, do teatro e da música.

Para quem simplesmente goste de saber um pouco sobre estes temas sem com isso gastar tempo de que não dispõe, com a vantagem acrescida de oferecer prazer estético aos seus olhos, este é um livro que se recomenda.

JORGE COUTINHO

## FILOSOFIA

COUTINHO, Jorge, **Filosofia do Conhecimento**, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003, 239 p., 230 x 160, ISBN 972-54-0060-7.

Este excelente volume constitui, na sua essência, a publicação do conteúdo leccionado na cadeira de Filosofia do Conhecimento, leccionada pelo autor nesta mesma Faculdade de Teologia da UCP. Obedece, pois, às exigências impostas por essa circunstância. De qualquer modo, deve dizer-se desde já que não se trata de um simples e banal manual de introdução ao assunto. O autor consegue dar-lhe cunho

próprio e situá-lo no âmago do debate contemporâneo sobre a temática do conhecimento e sobre diversos conceitos que lhe são afins. Nesse intuito, o livro está construído em três partes fundamentais, que marcam uma lógica coerente e significativa ao seu percurso: fenomenologia do conhecimento; conhecimento e verdade; áreas e vias específicas do conhecimento.

1. A primeira parte apresenta, de forma breve mas claríssima e sumamente precisa, os conceitos fundamentais inerentes à questão do conhecimento humano. O autor chama-lhe uma fenomenologia do conhecimento, entendendo por fenomenologia a descrição definitiva dos seus processos e dos seus conceitos. No contexto daquilo que denomina uma concepção «próxima do senso comum», apresenta-nos o núcleo do que constituía, mais ou menos, a gnoseologia escolástica, com a vantagem da precisão dos conceitos, que lhe era própria e que permite ao leitor adquirir, logo à partida, uma base firme para compreender sem confusões o que se segue.

Mas a fenomenologia do conhecimento não esquece a respectiva complexidade e problematização, de que foi alvo sobretudo a partir da modernidade. Ao longo dessas páginas, o leitor toma conhecimento das principais correntes filosóficas que desmontaram e analisaram o processo do conhecer, em perspectivas muito diversas. Especial destaque (pp. 57-83) merece, como seria de esperar, o problema da «viragem linguística da filosofia», realizada sobretudo no início do séc. XX e que coloca no centro da abordagem a relação entre conhecer e dizer. Após a apresentação breve, clara e precisa das principais teorias relativas à função da linguagem, o autor não se esquiva a formular uma perspectiva crítica, avaliando positivamente elementos dessas teorias, mas levantando

pertinentes questões às suas pretensões exclusivistas.

2. A segunda parte opta por se debruçar mais atentamente sobre um conceito que joga um papel fulcral no processo do conhecer: a noção de verdade. Dado o panorama da filosofia contemporânea – e do próprio contexto cultural envolvente – a opção está mais que justificada e presta um notável serviço ao esclarecimento crítico desse complexo conceito. Antes de tudo, é importante trabalhar a própria ideia – ou ideias – de verdade, para evitar confusões, quando a ela nos referimos. A apresentação resumida dos seus principais significados é, de facto, exemplar.

Depois, o autor trabalha o conceito a partir da distinção entre a «verdade em si», a «verdade para nós», a «verdade em nós» e a «verdade entre nós». O estudo aqui condensado, amadurecido pela sabedoria dos anos de convívio com essas realidades, constitui valioso contributo para a desmontagem de muitos clichês filosóficos – e não só – a respeito de tão controverso conceito, sobretudo no mundo da chamada «pós-modernidade». São colocadas em jogo crítico, fértil e revelador, correntes de pensamento de todos os séculos, desde os gregos, passando pelos medievais, até aos contributos mais recentes.

Mais uma vez, assume especial destaque a relação entre verdade e linguagem, no contexto da comunicação ou partilha do acesso à verdade, manifestando a sua característica fundamentalmente dialógica, mas não exclusivamente consensual. Também aqui, o autor não mantém a neutralidade da indiferença – como não deveria nem, talvez, poderia – mas intervém com observações críticas relativamente aos exageros da redução da verdade ao consenso linguístico, ao mero jogo de palavras ou à simples construção pragmatista.

3. A última parte é dedicada a duas vias do conhecimento que concentram, em si, toda a filosofia, sobretudo na sua fisionomia actual: a hermenêutica e a metafísica. Após uma apresentação sumária mas correcta das principais correntes da filosofia hermenêutica desenvolvida sobretudo no séc. XX, o autor discute, essencialmente, a sua pretensão a tornar-se absoluta substituta da metafísica. A esse propósito, apresenta também a própria noção de metafísica, para que o leitor saiba do que se está a falar – o que não é muito frequente, entre a maioria dos principais críticos da tradicional «filosofia primeira».

Como seria de esperar, a vasta cultura filosófica e a perspicácia da capacidade analítica, assim como a profunda sabedoria e inteligência do real, não permitem ao autor enveredar pela crítica e superação fácil de toda a tradição metafísica. Esta continuará a ser necessário ponto de referência, até porque uma metafísica só se supera com outra metafísica e, como diria o poeta, já «há metafísica bastante em não haver metafísica nenhuma» (F. Pessoa/Alberto Caeiro).

De qualquer modo, o que a tese fundamental desta última parte do livro pretende é, precisamente, atenuar ou mesmo superar a alternativa entre hermenêutica e metafísica, abrindo o caminho de uma possível conjugação, assumindo de ambas elementos imprescindíveis a uma nova visão do conhecimento humano. Metafísica e hermenêutica seriam, assim, dois modos humanos, por isso finitos, «de aproximação da plenitude da verdade» (222). Dito com a metáfora musical do autor, «se há, entre eles, consonâncias e dissonâncias, é porque sempre se está em tempo de ensaio, já que todo o humano pensar a verdade é ensaio, em vista de um concerto que jamais haverá» (223); a não ser, talvez – digo eu – que um «maestro» apropriado faça do próprio ensaio o concerto.

4. Como já tive ocasião de ir referindo, o livro destaca-se pelo aturado trabalho de precisão dos conceitos, o que é de louvar insistentemente, quer por se tratar de um livro para estudantes, quer por ser também necessário, na actual profusão e confusão dos jogos conceptuais – ou simples *flatus vocis* – entendermo-nos minimamente sobre aquilo de que falamos. A isso ajuda, também, a qualidade impecável e, simultaneamente, bela do português escrito, que facilita e entusiasma mesmo a leitura.

Para além disso, o livro destaca-se pela abertura de um filósofo, inicialmente formado no mundo e na linguagem da escolástica, e que conseguiu penetrar com desenvoltura pouco habitual nos meandros da filosofia contemporânea e das discussões mais estranhas que essa possa desenvolver. Simultaneamente, a referida formação de base constitui uma mais-valia, no sentido de não se deixar levar pelo puro sabor das modas, mas de analisar de forma isenta o que é mais válido e o que não o é tanto. Por isso, para além da sua função académica, este livro pode ser acolhido – mantendo a sua abertura própria e o seu carácter de provisoriedade – como orientação num certo caos da pós-modernidade. Não que assuma – como muitos outros – a atitude radical de condenação primária de toda a pós-modernidade, como forma de simplesmente restaurar ou a modernidade ou até a pré-modernidade, mas porque formula, de forma muito equilibrada, um comentário crítico dos exageros aporéticos de algumas tendências do pensamento contemporâneo. O leitor ficará, assim, com suficientes instrumentos para, por si mesmo, proceder a uma análise crítica dessas correntes, sem incorrer em ingenuidades, para um lado ou para o outro.

Um debate a continuar seria o que se esboça aqui sobre a relação entre hermenêutica e metafísica. Penso que se

trata de um campo vasto e ainda bastante inexplorado, no qual terá que se adentrar, sem medos nem preconceitos – mas com maior precisão de conceitos – a filosofia contemporânea, assim como a própria teologia, que nesta obra continua a ser o implícito horizonte norteador do «amigo da sabedoria». Este é um claro exemplo de que, mesmo como *ancilla theologiae*, a filosofia pode continuar a ser, como dizia Kant, a «serva» «que transporta o archote adiante da sua mestra». Tal como é praticada nesta obra, é deveras um «archote» iluminador do caminho.

JOÃO DUQUE

FORMOSINHO, Sebastião J., e OLIVEIRA BRANCO, J., **A Pergunta de Job. O Homem e o Mistério do Mal**, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003, 754 p., 230 x 160, ISBN 972-54-0051-8.

Depois do êxito editorial que foi – para o género da obra e a pequenez do nosso espaço cultural – *O Brotar da Criação*, os Profs. Sebastião Formosinho e J. Oliveira Branco de novo se deram as mãos, para produzirem este volumoso livro, onde nos dão conta da sua longa meditação sobre esse grande mistério, que é também para muitos o grande escândalo teológico: o mistério do mal. Entenda-se, à partida, que não se trata de, à boa maneira racionalista, resolver o mistério em mero problema e oferecer aos leitores o achamento da sua resolução. Os dois autores são pessoas sensatas e bem conscientes de que o seu propósito é apenas desenharem algumas pistas para alguma possível compreensão, dentro dos limites da razão humana. No caso, de uma razão em duplo, porque razão científica e razão filosófica, ou mesmo em triplo, já que a razão bíblico-teológica